

ENTRE/VISTAS: SIGNIFICADOS DO PASSADO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MEMÓRIA¹

Célia Toledo Lucena²

Resumo

Objetiva-se nesta comunicação relatar uma experiência vivida e a partir dessa vivência fazer breves reflexões sobre questões metodológicas em História Oral, tais como, a entre/vista entendida como troca de olhares, seu caráter dialógico, a história oral como gênero multivocal e ainda a relação entre história e memória. Viagem realizada na Estrada Real registrou inúmeros espaços e lugares: cidades, casarões, fazendas, alambiques, lugarejos, igrejas, capelas, pontes e lugares de concertos musicais. Ainda em Paraty, local de início da viagem, a trajetória dos escravizados na Estrada Real e suas questões com aguardente se tornaram temas de conversas. A exclamação “Paraty exala cachaça”, feita por um morador e a descoberta de que Paraty é sinônimo de cachaça, propiciaram a inclusão da cachaça na pauta das indagações da pesquisa. Dessa forma, escravizados, cachaça e Estrada Real passaram a ser objetos da investigação. As subjetividades dos falantes revelaram as maneiras que os significados do passado foram construídos ao longo do tempo. Histórias baseadas em repetição, outras ligadas à temas cruciais, ouvidas no percurso no Caminho Velho, em povoados, trilhas e espaços na região das cidades de Paraty, Cruzília e Tiradentes foram reveladoras. A relação dialógica construída entre entrevistador e entrevistado assinalaram exercícios de lembranças expressando não só a memória, mas a história da memória. A história oral é um gênero multivocal, resultado de uma pluralidade de autores. O diálogo realizado na arte de conversar constrói o ato da rememoração e a subjetividade é um elemento constitutivo no ato da lembrança. As performances remontaram a tempos antigos, para conferir o repertório do passado no presente levando-se em conta o sentimento de pertencimento das pessoas aos lugares. Nessa perspectiva, uma pluralidade de vozes expressou experiências, significados e

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático: Multiplicidade da História oral: memória, subjetividade e diálogo, 15. Encontro Regional Sudeste da História Oral: Memória e Corpo Mundo. USP Leste, 2023.

² Célia Regina Pereira de Toledo Lucena, professora doutora, pesquisadora do CERU-FFLCH-USP. Coordenadora do GEMI (Grupo de Estudos Migrações e Identidade- CERU/FFLCH/USP) celialucena@usp.br

valores vividos e praticados à base do resíduo cultural bem como social, de uma formação sociocultural anterior.

Palavras-chave: Entrevista. Diálogo. Memória. História da memória. Significados do passado

Apresentação

O simpósio temático: “A multiplicidade da história oral, memória, subjetividade e diálogo”, oferece instigante espaço para discussões sobre os ofícios da história oral, sendo assim, a oportunidade para falar sobre *Entre/vistas: significados do passado, memória e história da memória* é bastante interessante. “Entre/vista significa olhar entre: é uma troca de olhares” (PORTELLI, 2010, p. 213). Uma experiência vivida em campo assinalou múltiplas questões metodológicas, tais como: a entre/vista entendida como uma troca de olhares, o caráter dialógico da entrevista, as narrativas revelam memórias e significados do passado, a história oral como um gênero multivocal. Trata-se da multiplicidade da história oral.

No que se refere ao caráter dialógico leva-se em conta as sensações provocadas no entrevistado pelo entrevistador e as realizadas no sentido inverso, no entrevistador pelo entrevistado. Para Alessandro Portelli, o caráter dialógico é o relacionamento, possibilita uma narrativa em co-autoria. “História oral é um gênero multivocal, resultado comum de uma pluralidade de autores em diálogo” (2010, p. 20). O diálogo constrói o ato da rememoração, a subjetividade é um dos elementos constitutivos no ato da lembrança. Dessa maneira, o ponto marcante da entrevista de história oral são as relações. As entrevistas são sobre o passado, porém são vozes vivas que falam hoje sobre eventos do passado. Para Portelli:

(...)a narrativa e suas formas também são um fato histórico em si que revelam não só o que aconteceu no passado, mas também o que significa hoje, e inclui não apenas a memória, mas também a história da memória, as maneiras pelas quais o significado do passado foi construído ao longo das subjetividades dos falantes (2018: p.246).

Nessa direção, de forma específica, levou-se em conta, a construção da memória, e a história da memória, maneiras pelas quais o significado do passado foi construído ao longo do tempo nas subjetividades dos falantes em espaços e lugares ao longo da Estrada Real. Uma viagem realizada em meados de 2021 adquiriu um caráter investigatório, as

relações dialógicas entre entrevistador e moradores e personagens encontrados, nos trechos percorridos do Caminho Velho³ de Paraty a Tiradentes, marcaram a trajetória de uma pesquisa com metodologia em história oral. A relação entre história e memória toma forma na narração oral, isso se concretiza em um encontro pessoal proporcionado pela pesquisa de campo. As memórias são evocadas e organizadas verbalmente no diálogo interativo entre entrevistado e entrevistador. Assim, uma pluralidade de vozes permitiu recuperar os sentimentos históricos e os significados que permeiam os repertórios culturais de lugares da memória.

A identidade mantém suas localizações no tempo, nas tradições, nos mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas que conectam os indivíduos a eventos históricos. Assim, certas experiências, significados e valores são vividos e praticados à base de resíduo-cultural bem como social- de uma formação sociocultural anterior. O resíduo, segundo Raymond Williams (1979) foi formado no passado, mas está ativo como elemento efetivo do presente. A “arte de conversar”, no decorrer dos tempos, fez com que o contar e o recontar entre gerações possibilitou não apenas a construção da memória, mas da história da memória, repertório que toma forma na narrativa oral. Para esta reflexão, as leituras de Alessandro Portelli e Raymond Williams suscitaram inspirações e ofereceram âncoras teóricas. O exercício do diálogo dá visibilidade aos sinais da memória de cada narrador, assim, as narrativas revelaram cruzamentos entre “troca de olhares”, memórias e significados mediados pela tradição e cultura em temporalidades e espaços vividos.

Povoados, trilhas e paisagens na região de Paraty, Cruzília e Tiradentes foram visitados e investigados. A viagem à Estrada Real proporcionou um aprendizado por meio de histórias ouvidas e outras lidas em livros de memorialistas, enfim, história da memória e outras histórias compõem um repertório de lembranças. Histórias são repetidas não só algumas frases, mas episódios inteiros. Há uma aproximação das linguagens falada e escrita no conteúdo das memórias.

Os relatos individuais aglutinam memórias socialmente compartilhadas, trata-se de uma construção coletiva, sobre os caminhos que corriam em direção à exploração de minérios, o papel das vilas no passado e hoje, os causos e dificuldades de outrora e atuais

³ A Estrada Real contém múltiplos caminhos, entre eles o denominado Caminho Velho cujo ponto inicial é a cidade de Paraty. Caminho Novo, o ponto de partida é a cidade do Rio de Janeiro.

e a busca de elementos turísticos para incrementar os roteiros. Em suma, foi preciso sair ganhando nos lugares visitados, sem perder nada, tendo em vista, o sistema das relações sociais e memórias dos espaços. O lugar social induz um comportamento prático, no qual todo usuário se ajusta ao processo de reconhecimento e de construção de identidade. “Lugar” para Stuart Hall é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado, ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão intimamente ligadas (2015, p 41). Enquanto o espaço é um ambiente organizado socialmente. Procura-se aqui refletir sobre a multiplicidade da história oral, a seguir descortina-se breves experiências vividas por meio de “uma arte multivocal”.

Escravidados, Cachaça e Estrada Real

As narrativas convergem aos acontecimentos históricos, histórias são narradas de forma repetitiva em vários locais do percurso e escuta-se também alguns temas cruciais, alguns deles registados em livros de memorialistas. A exclamação “Paraty exala cachaça” ouvida de um morador de Paraty, nas primeiras conversas, antes de dar início a viagem pelo Caminho Velho, provocou a ligação entre os referentes sociais: Estrada Real, cachaça e escravizados que delimitaram o objeto de estudo.

No exercício da rememoração, a subjetividade é um dos elementos constitutivos no ato da lembrança. As identidades culturais podem ser produtos ou até invenções, mas o processo de formação de identidade convém ser visto como uma construção coletiva.

A identidade coletiva é aquilo que poderia ser chamado de memória social, a imagem do passado de um grupo é compartilhada pelos membros desse grupo. Quem somos depende de quem fomos. No entanto, há uma curiosidade importante envolvida aqui: quem pensamos que fomos depende de quem pensamos ser (BURKE, 1995, p.93).

As performances remontam a tempos antigos. Vale conferir o repertório do passado no presente, nessa perspectiva leva-se em conta o sentimento de pertencimento das pessoas aos lugares e as sensibilidades colhidas por meio das memórias refletem as representações dos protagonistas que imprimem significados aos vestígios orais. Foi fácil notar que ao expor alguns enredos, narradores de diferentes locais da Estrada Real, contam histórias repetidas. Trata-se da modalidade que podemos denominar de repetição de memórias.

Quando o tema da prosa é sobre doces, vem à tona uma história ouvida nas diversas cidades percorridas. Trata-se da prática que tinham as doceiras em expor nas janelas deliciosos pratos de doces para serem vendidos. Muito comum passarem garotos apanhando as iguarias. Em resposta ao gesto, ouvia-se a exclamação: “Pede moleque, não pega”. A expressão usada com o verbo pedir conferiu a sobremesa, a denominação de “pé-de-moleque”. Essa narrativa foi contada e recontada nas cidades de Paraty, Tiradentes e São João del Rey, especificamente por guias e vendedore(a)s de doces; sempre com histórias prontas a serem verbalizadas junto aos visitantes. Também recebe a denominação de pé-de-moleque o calçamento existente em ruas das cidades históricas, remanescente da época do ouro. “A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos sociais dos quais os indivíduos adquirem sua identidade” (CONNERTON, 1999, p.24).

Junto ao Caminho do Ouro, desde cedo, foram aparecendo as “engenhocas”, a maioria, clandestinas, sem aparelhagem à produção de açúcar, dedicavam-se à produção de cachaça e rapadura (SOUZA, 2004). Produtos que em tempo colonial já foram inseridos na alimentação brasileira. Os escravizados diante de uma situação de extrema espoliação nas formas de viver encontravam apoio no uso de aguardente. Os africanos eram exportados a alguns elementos de troca, tais como: ouro em pó e em moeda, barbatanas e óleo de baleia, couro, carne seca. As exportações para Angola eram de açúcar, aguardente de cana, farinha de mandioca, arroz, tabaco, telhas, doces, ouro trabalhado, sapatos e botas (BOXER, 1969). Câmara Cascudo confirma, a cachaça como moeda de troca e como alimento complementar:

Aguardente da terra, a futura cachaça era indispensável para a compra do negro africano e ao lado do tabaco em rolo, uma verdadeira moeda em circulação. Além de ser jubilosamente recebida pelo vendedor na Costa d’África, figurava necessariamente como alimento complementar na trágica dieta das travessias do Atlântico. O escravo devia forçosamente ingerir todos os dias doses de aguardente, para esquecer, aturdir-se. Resistir. Soldados e marinheiros através do oceano serviam álcool. Era um preventivo (CÂMARA CASCUDO, 2014, 17).

A dieta alimentar utilizada na travessia do Atlântico perdurou em terra firme, assim os alambiques fizeram parte do cenário colonial, pequenos engenhos coloniais, criados com consumo vinculado às camadas mais baixas da população. Assim, cada engenho, carrega sua história, ligações familiares e simbologias dos lugares. No período colonial a bebida usual era a cachaça, oferecida aos escravizados como incentivo ao

trabalho, como remédio, como fortificante, até mesmo como prêmio. A cachaça foi consumida pelos mais pobres, enquanto o vinho era consumido na cidade, bebida dos abastados. Os vinhos eram importados de Portugal, principalmente das ilhas portuguesas, e apreciados pelo valor terapêutico. A medicina popular usa da cachaça como base para diferentes medicamentos e diferentes males e doenças (SOUZA, 2004). Néia condutora de charrete na cidade de Tiradentes, lembra: “não existia anestesia, então a cachaça era usada para reduzir dores e também, na ocasião de extração de dentes” (Reginéia Néia, 2021). Segundo Flandrin, durante o século XVIII, essa crença era compartilhada por outros países, na França: “(...) um médico atribuía ao aguardente o poder de proteger contra as doenças, cicatrizar feridas, facilitar a digestão, proteger do frio e da fadiga dos trabalhos pesados e, principalmente, de fazer com que se comece bem o dia” (FLANDRIN, 1998, p.606).

Proprietário de alambique, da região de Cruzília, em sua narrativa faz menção as narrativas ouvidas em Ouro Preto:

A cachaça é a bebida preferida pelos mineiros. Todo final de semana, na roda de amigos, oferece o cafezinho e depois a cachaça. No século XVIII já existiam alambiques, quando estive visitando Ouro Preto me contaram que na época do ouro eles viciavam os escravos para que eles suportassem os trabalhos (LEONAM PEREIRA, 2021).

A relação entre escravizados, cachaça e a Estrada Real foi se estreitando no decorrer da investigação. Bianca narra:

Por conta do Caminho do Ouro, dos engenhos, a produção da cachaça foi aumentando. Cada família tinha um alambique em casa. Paraty tinha mais de cem alambiques. A produção de cana era tão grande por isso virou sinônimo da terra da cachaça. Com a decadência do Caminho do Ouro Paraty ficou isolada, por cem anos, mas manteve a tradição da cachaça, da musicalidade da ciranda, da gastronomia, uma culinária caiçara, vinda do mar. A festa de São João mantém essa mistura. O Caminho do Ouro foi passagem dos escravizados, do ouro, da cana, mesmo quando ficou proibido escravizar, faziam a passagem clandestinamente (...). Meu conhecimento é vivido aqui por pessoas que contam histórias: a saída daqui pelos Guaianás, fugidos dos Tupinambás, foi pelo que é o Caminho do Ouro. (BIANCA PARATY, 2021).

Tendo em vista dar continuidade aos diálogos, vale referendar Câmara Cascudo:

Onde mói um engenho, destila um alambique. Alguns engenhos dispensam o açúcar. O aguardente sustentava casa e família. Paraty, em 1666, ao redor de Angra dos Reis, vai avançando de tal ritmo que, ao passar na centúria

imediate, o nome da vila é sinônimo nacional de aguardente (CÂMARA CASCUDO, 2014, p.19).

Patrícia, acrescenta:

A cana de açúcar chegou no Brasil e a cachaça foi produzida no litoral. Os portugueses que trouxeram o alambique, porque já faziam a bagaceira lá. Falam que tinha 150 alambiques na região de Paraty, na época colonial, época do Caminho do Ouro. Tem canções e poemas que falam de Paraty, vou beber “parati”. Paraty é sinônimo de cachaça (PATRÍCIA NAVARRO,2021).

Nessa direção, a canção “Camisa Listrada” de Assis Valente, gravada por Carmen Miranda, em 1937, aponta “parati” como sinônimo de cachaça:

Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí

Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati

Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão

E sorria quando o povo dizia: sossega leão, sossega leão (VALENTE, 1937).

A cachaça Coqueiro é produzida no Engenho D’Água, na Fazenda Cabral. Ângelo Mello fala com orgulho sobre a ligação do alambique à sua família, “o engenho começou com meu tataravô, em 1803”. O engenho permaneceu anos junto do Cais, onde foi originalmente instalado, em um antigo casarão, após a venda do terreno, o alambique foi transferido para o bairro do Cabral. Ângelo declara: “em companhia de meu irmão Eduardo, sou a quinta geração junto ao engenho, vi meu avô Antônio Mello e agora meu pai Eduardo Mello, cacique máster aqui, na ativa, unidos pela cachaça”. O Engenho com mais de duzentos anos é referência histórica e cultural, mantém viva a tradicional festa de São João e compartilha das celebrações da Festa da Cachaça.

A região de Cruzília, localidade conhecida pela presença de encruzilhadas, pela fabricação de queijos e pelo legado de inúmeras fazendas coloniais que ilustram o cenário. As narrativas repetem histórias contidas em livros de memorialistas sobre episódio crucial ocorrido no início do século XIX, fazendo parte de movimento pré- abolicionista. Trata-se da rebelião dos escravizados, ocorrida em 1833, no dia 13 de maio, na Fazenda Bela Cruz, na Comarca do Rio das Mortes e da Encruzilhada, transparecendo a hierarquia social em movimento abolicionista. Segundo Adolfo Pereira:

Os escravos se rebelaram dos maus-tratos, pensavam em montar um quilombo. Na noite de 13 de maio a fazenda foi invadida por um grupo furioso de escravos revoltados. Toda a família do fazendeiro é assassinada.

Esse episódio ficou muito marcado, já estavam influenciados por pessoas locais e pelo movimento abolicionista. Em 29 de abril quatro deles foram enforcados, os escravos responsáveis pelo massacre (ADOLFO PEREIRA, 2021).

A curiosidade pelos lugares onde a memória se consolida e se refugia está ligada a momentos particulares de outrora, dessa forma, a região da cidade de Tiradentes é marcada por histórias e memórias de abolicionistas. Tiradentes é uma das estrelas da Estrada Real, a vila colonial mantém seu casario preservado e tem ao seu redor uma atmosfera acolhedora. As vilas e cidades vizinhas são interligadas por trechos da Estrada Real, alguns com antigo calçamento preservado. Assim, os caminhos a São João del Rei, Bichinho, Prados e Coronel Xavier Chaves registram uma atmosfera do século XVIII. A cidade de Vitoriano de Veloso conhecida por Bichinho, distrito de Prados desde 1938, preserva histórias locais, Vitoriano foi um mensageiro negro da Inconfidência.

Nessa direção, a cachaça denominada *Século XVIII*, produzida no Engenho Boa Vista, no município Coronel Xavier Chaves, traz memória e história da memória. Francisco Chaves ao ser interrogado, respondeu:

Sou Francisco Chaves, filho de Nando Chaves e neto de Rubens Chaves, sou a nona geração, da minha família que está aqui fazendo e bebendo cachaça. O engenho entrou na minha família em 1757 quando uma tia de Tiradentes comprou a propriedade e passou para o irmão mais velho de Tiradentes. Ele ia se tornar padre e precisava de um terreno. O padre Domingos, teve uma história de vida muito bacana, era jesuíta e trabalhava com catequização. Depois foi para Salvador e deixou a propriedade para irmã mais nova, Antônia Rita da Encarnação Xavier. Ela é bisavó do Coronel Xavier Chaves, que doou terra para fazer o município, que é bisavô do meu avô, que é o proprietário do Engenho (FRANCISCO CHAVES, 2021).

A cachaça nasceu e consolidou-se como um produto de baixo *status* não apenas em termos de consumo, mas também de produção. Os engenhos onde produziam aguardente foram instalados em Minas, nos primórdios do povoamento, porém sua expansão era proibida pela coroa, por desviar a atenção da mão-de-obra. Todavia, a proibição não era seguida à risca, sendo rara a fazenda que não havia engenho (FRIEIRO, 1966; SOUZA, 2004).

Para Francisco Chaves a cachaça é marcada como bebida do trabalhador:

Os tropeiros passavam aqui para tomar, a cachaça dá um calor no corpo, ajuda a esquentar. No Brasil Colônia era proibido produzir bebida

alcoólica, daí já vem o sentimento de rebeldia e de contestamento. O alambique funcionava escondido, com tachos na frente que simulava produção de açúcar e no fundo o alambique. A caipirinha surgiu porque o escravo era proibido de beber, o chefe não deixava beber na hora do serviço. Então pegava limão, garapa para não parecer a cor da cachaça. A caipirinha do século XVIII era cachaça, limão e garapa (FRANCISCO CHAVES, 2021).

A sede do Engenho Boa Vista, construído de pedras, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, guarda o cenário de um produto histórico.

Considerações Finais

A Estrada Real é composta de caminhos que conduz a lugares-relíquias, marcados com uma arquitetura que desenhou e decorou igrejas, casas e casarões dando origem a vilas, cidades e a manifestações religiosas, artísticas e culturais singulares. As maneiras de fazer, de celebrar, de alimentar e o consumo de bebidas alcólicas, praticados por tropeiros, viajantes, mineradores e escravizados que transitaram pela região aurífera deixaram um legado culinário constituído de cozinhas com receituários regionais, da presença da cachaça, que fazem parte dos códigos da linguagem e das práticas dos lugares.

Dessa forma, histórias expressaram memórias coletivas, numa tentativa de reconstruir o passado com dados emprestados do presente. São histórias construídas na repetição ancestral, memórias acumuladas em temporalidades. Os lugares e espaços na Estrada Real são âncoras da identidade social e coletiva, são signos que marcam o processo histórico colonialista. Na construção de representações os narradores realizam ressignificação dos repertórios culturais, a fim de assegurar, justificar e reforçar a representação identitária do lugar. O processo de deslocamento entre passado/presente, ausência/presença, representação/repetição permite à realidade uma ilusão de presença, por meio de um efeito multivocal de memórias entrelaçadas. Como já foi dito acima, a entre/vista é uma troca de olhares, resultado da arte multivocal da história oral (PORTELLI, 2010). O entrevistador cria o espaço narrativo para aquele que tem uma história para contar. Na elaboração das narrativas, cujo encadeamento se realiza pela alocação de imagens que “falam” do sentimento vivido e recebido de gerações anteriores, cujas representações dão sentido “ao estar aqui hoje” e dar continuidade ao processo

cultural e a manutenção de espaços físicos e simbólicos que registram a história dos lugares e a construção de outras histórias.

Entrevistas⁴

Adolfo Pereira- escritor e ativista cultural em Cruzília, Minas Gerais. Entrevista realizada em 27-08-2021 (68 anos).

Ângelo Mello- Cachaça Coqueiro. Paraty, Estado do Rio de Janeiro, Entrevista realizada em 20-08-2021 (35 anos).

Francisco Chaves- cachaça séc. XVIII, Engenho Boa Vista. Coronel Xavier Chaves, Estado de Minas Gerais. Entrevista realizada em 23-08-2021(24 anos).

Leonam Pereira-Alambique Encomenda Real. Cruzília/Baependi. Minas Gerais. Entrevista realizada em 27-08-2021 (35 anos).

Reginéia, Néia- condutora de charrete na cidade de Tiradentes. Minas Gerais. Entrevista coletada em 24-08-2021 (30 anos).

Patrícia Navarro- Engenho D´Ouro, Paraty, Estado do Rio de Janeiro. Entrevista realizada em 19-08-2021 (47 anos).

Referências

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: UNESP, 1995.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Prelúdio da cachaça*. São Paulo: Global, 2014.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Portugal, Oeiras: Celta Editora, 1999.

FLANDRIN, Jean-Louis. A alimentação camponesa na economia de subsistência. IN: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*; São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve: ensaio sobre a comida dos mineiros*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1966.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2003.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Living voices: the oral history, interview as dialogue and experience. *The Oral History Review*. 45(2) 2018. 239-248

⁴ As entrevistas foram coletadas pela pesquisadora, autora do artigo em questão. Houve consentimento dos entrevistados para publicação das respectivas narrativas..

SOUZA, Ricardo Luiz. Cachaça, vinho, cerveja: da Colônia ao século XX. In: *Estudos Históricos*, Alimentação. Rio de Janeiro, n.33, janeiro-junho de 2004, p 56-75.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.